

MÍSIA, memórias de uma vida

É uma fotografia já antiga, de um simples papel branco colado numa parede envelhecida do escritório da minha primeira loja então acabada de abrir, no Chiado. Diz o recado: “ Para a Fanny Ardant /esta andorinha /da Mísia”. A minha querida amiga passara por lá, escolhera e pedira para guardarmos esse presente para uma sua outra amiga que por esses dias ensaiava ali mesmo ao lado, no Teatro de São Carlos. Já anoitecia e as luzes acendiam-se lá fora quando nos entrou pela porta adentro a maravilhosa Fanny Ardant, em busca dessa lembrança que entregámos com emoção e com emoção igual foi recebida. A Mísia sabia bem que um mero objecto pode ter poderes incríveis, por vezes mágicos, como os de simbolizar sentimentos, evocar memórias, convocar lembranças. Era isso que estava naquele recado: uma amizade, um encontro, aquele momento em Lisboa, tudo isso guardado numa pequena e delicada peça de cerâmica que no futuro continuará a contar tudo isso.

Recordo esta história para falarmos do leilão de objectos que pertenciam à Mísia. Essa mulher brava, essa artista intrépida, essa voz que ecoou mundo fora, impossível de esquecer. Quando partimos, afinal o que deixamos de nós no mundo? No caso dela, a herança é imensa, felizmente, porque foi uma grande artista e muitos, em tantos sítios do mundo, foram tocados pela sua música inspiradora, pelo seu universo originalíssimo, pela sua personalidade intensa. E, no entanto, quando partimos, todos nós, deixamos sempre outras coisas, mais materiais. São os objectos que nos acompanharam no quotidiano dos dias e que aconchegaram o mundo onde vivemos.

Em Lisboa, a Mísia morava no Alto de Santa Catarina, uma rua de vistas largas e raras para o rio, para o céu, para a luz. A casa da Mísia não era um espaço minimalista, como poderia ser? Bem pelo contrário, era uma casa repleta de belos e peculiares objectos, num cenário de cores vibrantes. Um mundo seu composto de legados de família, presentes de amigos, souvenirs de viagem e, claro, contendo todos os seus apetrechos de artista, dos vestidos aos adereços extraordinários. Tudo nessa casa contava a vida de Susana e a persona de Mísia. Ambas ecléticas, cosmopolitas e emocionais.

São alguns desses objectos que vão agora a leilão. Há os belos quadros dedicados pela amiga Bela Silva e os retratos dos fotógrafos cúmplices do seu labor de artista como Chico Aragão ou Augusto Brázio. Há heranças familiares que guardou dos seus Avós, como quadros românticos ou até um armário livreiro, uma caixa de prata e algumas peças de devoção religiosa, e ainda castanholas, *peinetas* e *mantóns de manila* lembrando uma família de artistas catalãs. Não esquecendo, claro, o cadeirão estofado a seda adamascada vermelha, onde tanto gostava de se sentar. Encontramos também muitos objectos de origem asiática, que gostava de trazer das suas tournées múltiplas pelo Oriente, que tanto a aclamou. Uma grande parte deste catálogo prova também a artista completa que foi, construindo impecavelmente a sua imagem ao longo das várias aventuras estéticas da longa carreira. São os vestidos de cena obviamente, lindos e assinados por grandes designers nacionais como Ana Salazar ou os Story Tailors, e internacionais como Sybilla, John Galliano, Dolce e Gabbana, Jean Paul Gaultier, Issey Miyake ou Dries Van Noten. E uma extraordinária coleção de jóias e adereços de palco assinadas pelo talento extravagante de Valentim Quaresma; assim como algumas peças absolutamente únicas pintadas pela amiga e cúmplice artística Anne Sophie Tshiegg. Entre muitas jóias e bijuteria, tão variadas quanto a sua curiosidade e os seus caprichos, realçamos também conjuntos de dois tipos de peças que sempre adorou: os chapéus múltiplos e fascinantes, sempre tão presentes na sua imagem mas também no seu quotidiano e, claro, as várias declinações dessa peça fatal das fadistas, os xailes que ela nunca esqueceu mas sempre preferiu em versões contemporâneas e exclusivas.

A iniciativa deste leilão partiu de alguns dos seus mais fiéis e íntimos amigos, seus herdeiros também, guiados por duas generosas ideias. A primeira é oferecer a possibilidade de guardar uma lembrança pessoal dela a tantos dos seus fãs e admiradores que, pelo mundo fora, testemunharam a força do seu fascínio e da sua devoção quando da sua partida. E a segunda ideia, igualmente meritória, é financiar a

construção de um monumento de evocação à sua vida no lugar onde foi sepultada, uma encosta com vista no Cemitério do Alto de São João. Já não se usa, dirão vocês? Não creio. Mísia merece ser lembrada por um gesto artístico, que fique e a recorde, nesse lugar onde repousa finalmente e onde quem queira possa ir conversar com ela, se lhe apetecer. A arte de Mísia era o fado, canção cuja palavra preferida é destino e cujo eco é saudade, como bem sabemos. Uma música que não tem medo da morte, que a trata sem rodeios, tal e qual como ela se ria, fascinada, quando descobriu que numa das suas cidades mais amadas, Nápoles, se podia adoptar uma caveira. Também por isso, faz muito sentido.

É o mote deste leilão: há objectos capazes de nos definir: do que gostámos, do que nos espantou, do que nos comoveu, do que escolhemos guardar connosco – e que nos contam por que razões o fizemos. Se durante uma vida os objectos já são também memórias, quando desaparecemos esses objectos guardam-nos. No caso dos grandes artistas, meros objectos mundanos podem até adquirir o poder das relíquias. Neste leilão, contada pelos seus objectos, está Mísia e assim será guardada por aqueles que dela gostaram.

Catarina Portas